

RELATÓRIO GERENCIAL MAR | 2026

**SNFZ11**

SUNO FAZENDAS FIAGRO IMOBILIÁRIO

CNPJ

83.313.475/0001-02

INÍCIO DO FUNDO

MAIO/2024

ADMINISTRADOR

QI CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.

PÚBLICO-ALVO

INVESTIDORES EM GERAL

GESTOR

SUNO GESTORA DE RECURSOS LTDA

TAXA DE ADMINISTRAÇÃO

0,13% A.A.

TAXA DE GESTÃO

0,87% A.A.

TAXA DE PERFORMANCE

20% SOBRE O QUE EXCEDER O BENCHMARK IPCA + YIELD DO ÍNDICE IMA-B

SUNO FAZENDAS FIAGRO IMOBILIÁRIO

O Suno Fazendas Fiagro Imobiliário é um FIAGRO FII oriado com o objetivo de investir na cadeia produtiva do agronegócio brasileiro, priorizando o ganho de capital através da valorização de fazendas, bem como da geração de renda por meio do arrendamento dessas terras e da remuneração de operações de crédito, como CRA, CPRs e LCAs.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	2
BULLET POINTS	3
DESTAQUES DO MÊS	3
TESE DE INVESTIMENTOS.....	4
CENÁRIO MACROECONÔMICO	5
CARTA DO GESTOR.....	16
PERFORMANCE/DESEMPENHO	20
RESULTADO.....	22
DADOS SETORIAIS E DE PRODUÇÃO – FAZENDA COLISEU.....	24
ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES	24
DETALHAMENTO DOS ATIVOS	26

BULLET POINTS

R\$ 0,10

Distribuição por cota

R\$ 0,000

Lucro acumulado por cota

13,04%

Dividend Yield Anualizado

17,41%

Yield Médio CRAs (All In)

R\$ 9,74

Cota Fechamento de Mercado

R\$ 9,87

Cota Patrimonial

12.073

Número de cotistas

R\$ 119.33 MM

Patrimônio Líquido

R\$ 117.76 MM

Valor de Mercado

0,99

P/VP

3

Nº de Fazendas

12.089.907

Número de cotas disponíveis

DESTAQUES DO MÊS

Durante o mês de março, houve a manutenção da distribuição mensal em **R\$ 0,10 por cota**, o que equivale a um **dividend yield anualizado de 13,04%**, reiterando a estabilidade do fluxo de rendimentos estabelecida desde o início do segundo semestre de 2025.

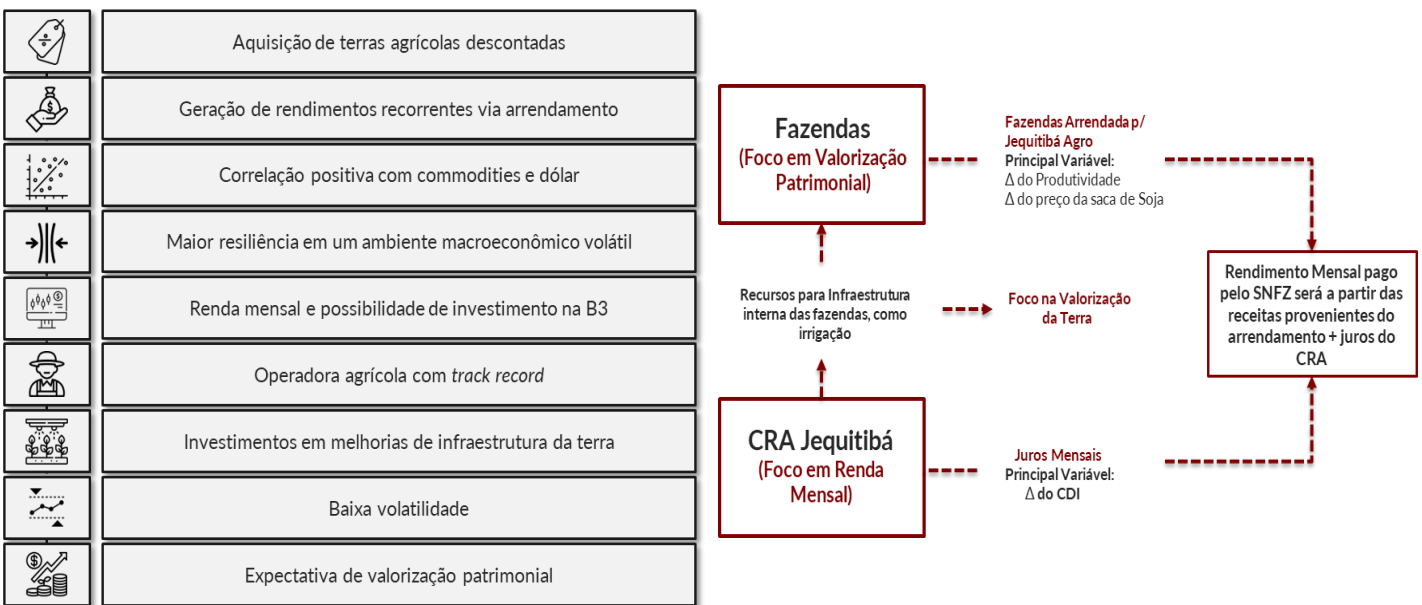
Expansão da base para **12.073 investidores**, atingindo um novo recorde histórico de número absoluto de cotistas e consolidando a trajetória de crescimento e confiança no fundo desde o seu início.

Na carta de gestão desse mês trazemos o detalhamento do ciclo da **safrinha**, com a inclusão de **registros fotográficos recentes e laudos técnicos** de produtividade das fazendas, oferecendo maior transparência sobre a evolução operacional e a performance dos ativos em campo.

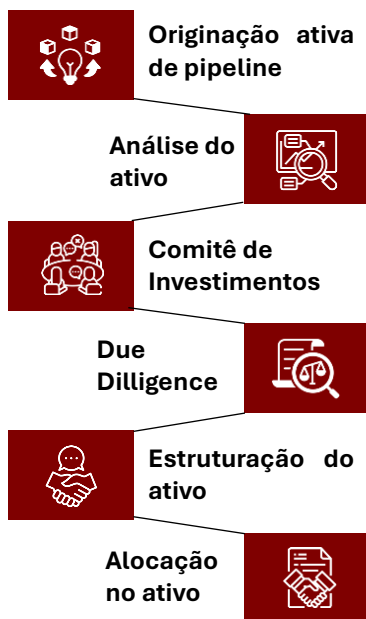
TESE DE INVESTIMENTOS

O SNFZ11 teve sua estrutura pensada para alinhar dois principais fatores: **rendimentos mensais e valorização do patrimônio**. O foco principal da gestão não é o rendimento mensal, mas sim a valorização a longo prazo da terra, proporcionando ganho de capital ao cotista e assim **performar acima do principal benchmark do fundo: o IPCA + Yield IMA-B**. No entanto, a gestão se compromete a manter uma **distribuição previsível e transparente, fundamentada na baixa volatilidade dos ativos que compõem a carteira**.

Estrutura SNFZ11 e dinâmica de distribuição

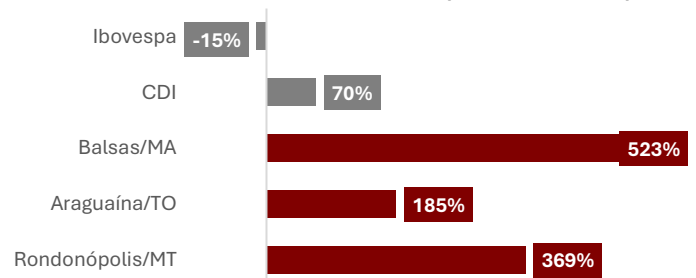


Processo de Investimentos

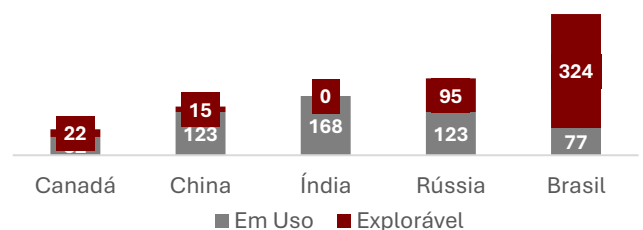


Tese vencedora e resiliente no longo prazo

Ret. Real x Inv. Alternativos (últimos 15 anos)



Potencial de Expansão Agrícola (MM ha)



Fonte: S&P global Commodities Insights, IHS Markit

CENÁRIO MACROECONÔMICO

Em março, o preço da incerteza voltou a subir

Março reforçou a incerteza como elemento central do cenário macroeconômico. O conflito no Oriente Médio reintroduziu um choque clássico, com impactos diretos sobre inflação, atividade e política monetária.

O evento, iniciado em 28 de fevereiro, envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã, rapidamente escalou para um choque com implicações relevantes sobre os ativos financeiros, fluxos comerciais e decisões econômicas. Mais do que a intensidade inicial, foi a natureza do choque, concentrado em energia e logística global, que alterou a leitura dos agentes econômicos ao longo do mês.

Choque geopolítico e reprecificação dos mercados

O fechamento do Estreito de Ormuz, uma das principais rotas de escoamento de petróleo do mundo, provocou uma interrupção relevante na oferta global de energia e de outras matérias primas essenciais, como fertilizantes. Como consequência, os preços do petróleo registraram forte elevação, superando a marca de US\$ 100 por barril — nível que não era observado desde 2022, como ilustrado na figura abaixo.

Preço do Petróleo Brent (Contrato Futuro 1 mês, USD/barril)













Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Em momentos de maior tensão geopolítica, a dinâmica clássica se impõe: busca por ativos seguros, valorização do dólar e abertura das taxas de juros globais. Ao mesmo tempo, os mercados acionários

registram quedas refletindo um ambiente mais adverso, marcado por maior aversão a risco e menor previsibilidade, como podemos observar na tabela a seguir.

Desempenho dos mercados em março de 2026

Bolsas					
	Índice	Último	Mês	12 meses	Acum. Ano
	MSCI World	4.258,31	-6,55%	17,35%	-3,89%
	S&P 500	6.528,52	-5,09%	16,33%	-4,63%
	NASDAQ	20.794,64	-8,27%	20,21%	-10,53%
	FTSE 100	10.176,45	-6,73%	18,57%	2,47%
	Euro Stoxx 600	583,14	-8,00%	9,22%	-1,53%
	Merval	2.997.780,00	13,46%	28,18%	-1,76%
	Ibovespa (BRL)	187.461,80	-0,70%	43,91%	16,35%
	Ibovespa (USD)	34.751,37	-5,57%	52,19%	18,13%
	USD/BRL	5,22	1,36%	-9,10%	-5,14%
	IFIX	3.870,57	-1,06%	16,83%	2,52%

Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Importante destacar que, ao longo do mês, os preços do petróleo passaram a reagir não apenas aos fundamentos imediatos de oferta, mas, sobretudo, às expectativas em relação ao desenrolar do conflito. Sinalizações de possíveis negociações ou de reabertura do fluxo logístico na região foram suficientes para provocar movimentos relevantes de queda nos preços.

Diante desse ambiente, o foco dos mercados rapidamente se deslocou para a reação dos bancos centrais e, mais especificamente, para a forma como essas instituições devem lidar com um novo choque de oferta e novas pressões inflacionárias.

Um choque clássico de oferta: inflação para cima, atividade para baixo

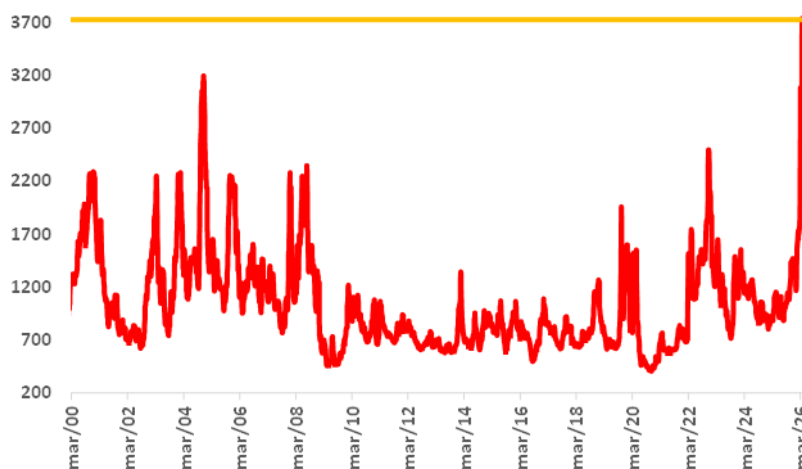
Do ponto de vista macroeconômico, o conflito trouxe um choque bastante conhecido: alta de preços combinada com impacto negativo sobre a atividade.

A elevação dos preços de energia tende a se disseminar rapidamente pela economia, afetando custos de produção, transporte e cadeias produtivas. Esse processo ocorre por múltiplos canais: aumento dos fretes, encarecimento de insumos industriais e agrícolas, pressão sobre preços de alimentos, além da compressão de margens das empresas — que, dependendo do grau de repasse, pode resultar em inflação mais persistente ou em desaceleração mais intensa da atividade.

No gráfico abaixo, apresentamos o índice de preços de frete para navios petroleiros de petróleo bruto. Com o fechamento do Estreito de Ormuz, a paralisação de rotas e o aumento dos custos de seguro, os fretes atingiram níveis recordes.

Ao mesmo tempo, o aumento da incerteza e a perda de renda real comprimem o consumo e os investimentos, contribuindo para um ambiente de desaceleração.

Índice de Preços de Frete para Navios de Transporte Petróleo Bruto



Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

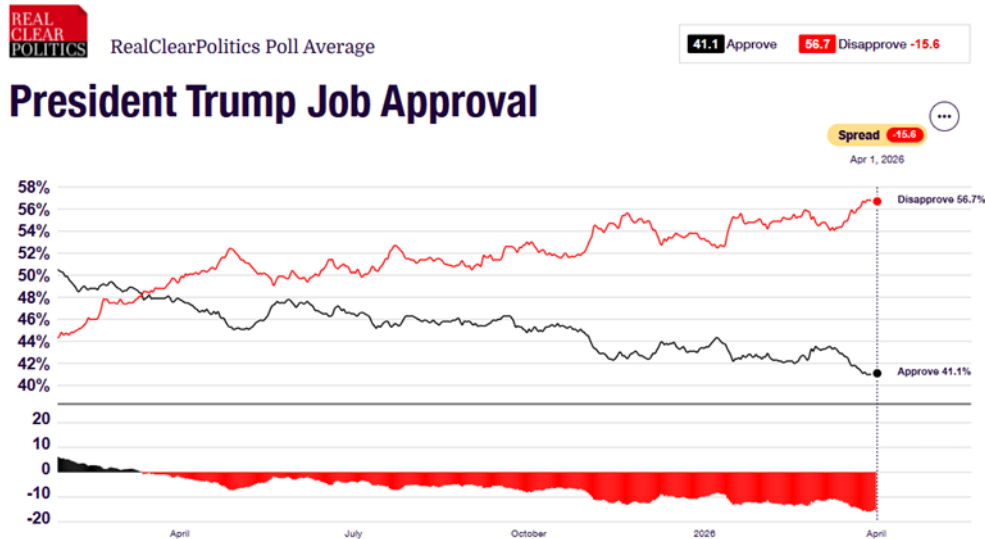
O reequilíbrio do petróleo não será imediato

Trabalhamos com a hipótese de uma resolução relativamente breve do conflito, ainda que não necessariamente imediata. A perda de popularidade de Donald Trump, diante do encarecimento de diversos itens da economia e do maior envolvimento dos Estados Unidos na região, pode enfraquecer o Partido Republicano nas eleições de Congresso no meio de mandato. Esse cenário eleva a probabilidade de perda de maioria em ao menos uma das casas legislativas e dificulta o avanço da agenda da Casa Branca.

A última pesquisa Reuters/Ipsos apontou queda na aprovação do governo, de 40% para 36%, refletindo a entrada do país no conflito e a alta dos preços dos combustíveis. No mesmo levantamento, o apoio aos ataques norte-americanos ao Irã recuou de 37% para 35%, enquanto a desaprovação subiu de 59% para 61%, com deterioração inclusive entre eleitores republicanos. Na imagem a seguir, apresentamos

a média das últimas pesquisas sobre aprovação do Donald Trump, que registra uma desaprovação de 56,6% ante 41,2% de aprovação, com as curvas se distanciando.

Média de Pesquisas: Aprovação de Donald Trump



Fonte: RealClearPolitics / Elaboração: Suno Asset

Em relação aos combustíveis, o preço médio da gasolina nos Estados Unidos ultrapassou US\$ 4 por galão, patamar que não era observado desde 2022, reforçando o impacto direto do conflito sobre o custo de vida e, conseqüentemente, sobre o capital político do governo.

Há ainda um vetor externo relevante: a China tem forte interesse em uma descompressão rápida da crise. O país depende estruturalmente do petróleo da região, defende publicamente a importância do Estreito de Ormuz para o comércio global e pediu cessar-fogo imediato, em articulação com outros atores, como o Paquistão. Atualmente, Pequim dispõe de alguns amortecedores que reduzem o impacto doméstico imediato do choque — como reservas estratégicas elevadas, maior capacidade de gestão administrativa de preços e continuidade de parte do fluxo vindos do Irã —, o que lhe dá espaço para atuar diplomaticamente na direção de uma solução negociada. Ainda assim, o ponto central é que o gigante asiático continua fortemente dependente da estabilidade energética do Oriente Médio.

A principal dificuldade está em estimar quando essa resolução ocorrerá — se em questão de dias ou ao longo de semanas. Nossa hipótese é que o conflito se encerre neste trimestre, com a dissipação do choque ao longo da segunda metade do ano.

Mesmo com uma eventual normalização, o reequilíbrio do mercado de petróleo tende a ser gradual. Primeiro, haverá a liberação e o escoamento dos navios já carregados. Em seguida, o uso dos estoques disponíveis e, por fim, a retomada da produção. Nesse intervalo, os preços devem permanecer acima dos níveis pré-conflito, também pressionados pela demanda adicional dos países para recomposição de reservas estratégicas.

O dilema dos bancos centrais: o debate sobre o look through

A principal consequência do choque geopolítico foi recolocar os bancos centrais diante de um dilema clássico, mas que raramente aparece com clareza no debate público: até que ponto faz sentido “olhar através” de um choque de oferta.

A lógica do chamado look through parte da ideia de que o banco central não precisa reagir de forma imediata e proporcional a uma alta temporária da inflação provocada por energia, câmbio ou tributos, desde que esse choque não contamine a inflação futura nem desancore as expectativas. Em outras palavras, a autoridade monetária pode acomodar o impacto inicial sobre o nível de preços, desde que consiga impedir que esse movimento se transforme em inflação persistente. O ponto central é que o look through não significa ignorar a inflação, mas aceitar um choque pontual sem permitir seus efeitos de segunda ordem.

Na prática, porém, essa estratégia exige condições que nem sempre estão presentes. A própria literatura mostra que o sucesso dessa abordagem depende, em grande medida, de expectativas de inflação bem ancoradas e de credibilidade suficiente para convencer empresas, trabalhadores e investidores de que o choque não alterará a trajetória inflacionária de médio prazo. Quando isso não acontece, o banco central entra em terreno mais delicado: um choque inicialmente concentrado em petróleo e combustíveis pode se espalhar ao longo da cadeia por meio de fretes mais caros, encarecimento logístico, pressão sobre alimentos, recomposição de margens das empresas, reajustes salariais defensivos e repasses mais amplos para bens e serviços.

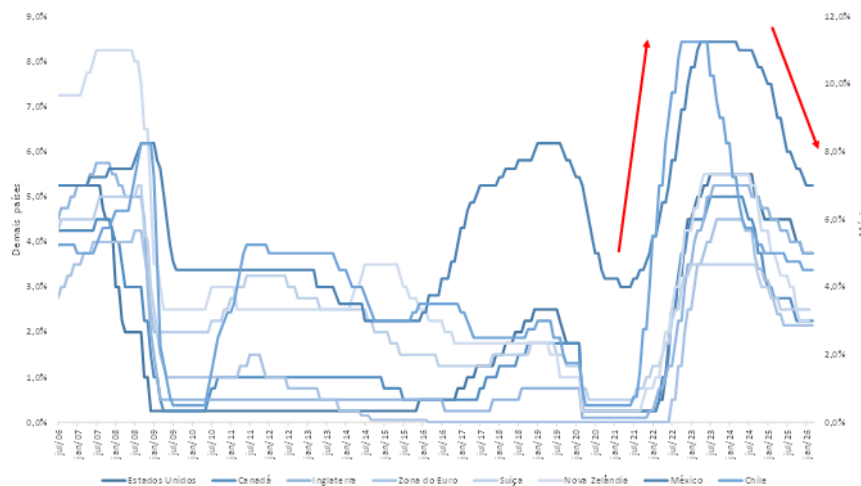
Foi exatamente essa dificuldade que marcou o período pós-pandemia e, em alguma medida, também após a guerra da Ucrânia. Choques inicialmente classificados como transitórios se mostraram mais persistentes do que o esperado, deixando claro o risco de subestimar seus efeitos.

No cenário atual, os bancos centrais enfrentam uma incerteza semelhante. Ainda não está claro qual será a magnitude e a duração dos efeitos indiretos desse problema energético. Enquanto essa visibilidade não melhora, prevalece uma postura mais cautelosa, dependente de dados e mais sensível ao risco de subestimar um choque que pode se revelar mais disseminado.

Essa preocupação é compartilhada globalmente. O Banco do Japão tem sinalizado que o conflito adiciona riscos ao cenário e justifica manutenção de postura prudente. Já o Banco da Inglaterra destaca os riscos de inflação mais persistentes associados à alta de energia. Enquanto isso, membros do Banco Central Europeu indicam que um conflito prolongado pode, inclusive, exigir uma postura mais restritiva.

Esse contexto marca uma inflexão em relação ao período recente. Após a forte aceleração inflacionária entre 2020 e 2022, os bancos centrais elevaram os juros de forma sincronizada e, com a estabilização, iniciaram um ciclo de flexibilização, levando a política monetária a um viés mais expansionista na maioria dos países — dinâmica ilustrada na figura abaixo.

Países: Taxa de Juros (% a.a.)



Fonte: Refinitiv / Elaboração: Suno Asset

Agora, diante dos riscos inflacionários, esse movimento perde força e dá lugar a uma postura mais cautelosa. Economias mais dependentes de energia tendem a reagir com maior rapidez, enquanto países como Estados Unidos e Brasil ainda preservam algum espaço de manobra, o que os coloca, ao menos por ora, em posição distinta no ciclo global.

Brasil: entre ganhos externos, inflação pressionada e resposta fiscal

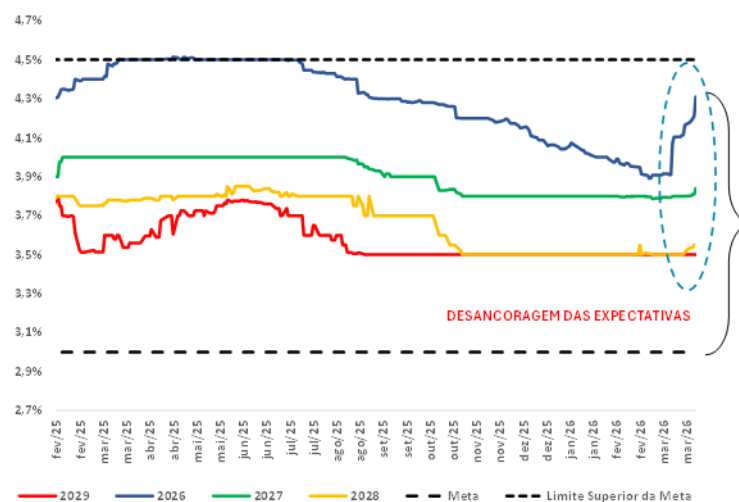
No caso brasileiro, os efeitos do choque são ambíguos. Por um lado, o país se beneficia de sua posição como exportador líquido de commodities, com melhora nos termos de troca e impacto positivo sobre a balança comercial, além de efeitos favoráveis sobre a arrecadação federal, especialmente por meio de royalties e leilões de participação.

Por outro, o canal inflacionário ganha relevância, especialmente via combustíveis e alimentos. A alta do petróleo já começa a se refletir nos preços domésticos. A defasagem entre preços internos e internacionais permanece elevada e pressiona os combustíveis, principalmente o diesel. Além disso, derivados, como o querosene de aviação, sofreram reajustes. Outro canal relevante é o de fertilizantes, cujos preços já acumulam elevação expressiva e devem impactar alimentos ao longo do ano, tanto via custos quanto potencial redução de produtividade.

Diante desse cenário, revisamos para cima nossas projeções de inflação de curto prazo, incorporando pressões adicionais nos próximos meses. Como consequência, elevamos nossas estimativas para o IPCA de 2026 de 4% para 4,3% e, para 2027, de 3,8% para 3,9%.

Esse movimento já começa a se refletir nas expectativas de mercado. O Boletim Focus mais recente mostrou uma piora relevante nas projeções de inflação, reforçando o desconforto do Banco Central com a dinâmica inflacionária e reduzindo o espaço para uma flexibilização monetária mais acelerada no curto prazo.

Boletim Focus: Expectativas de Inflação



Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

Mais recentemente, o governo federal passou a adotar medidas extraordinárias e de caráter temporário para conter a alta dos combustíveis. Entre elas, destacam-se a zeragem das alíquotas de PIS/Cofins sobre o diesel — com redução estimada em R\$ 0,32 por litro — e a criação de uma subvenção temporária para produtores e importadores. Até o momento, essas medidas têm impacto fiscal limitado, que tende a ser parcialmente compensado pelo aumento da arrecadação decorrente da elevação das cotações do petróleo.

Além disso, o Ministério da Fazenda abriu discussão com os secretários estaduais de Fazenda, no âmbito do Confaz, sobre medidas complementares, incluindo a possibilidade de zerar temporariamente o ICMS sobre a importação de diesel, com compensação parcial da perda de arrecadação pela União.

Esses projetos tendem a gerar alívio no curto prazo, especialmente sobre os preços administrados. Ainda assim, não eliminam a pressão inflacionária.

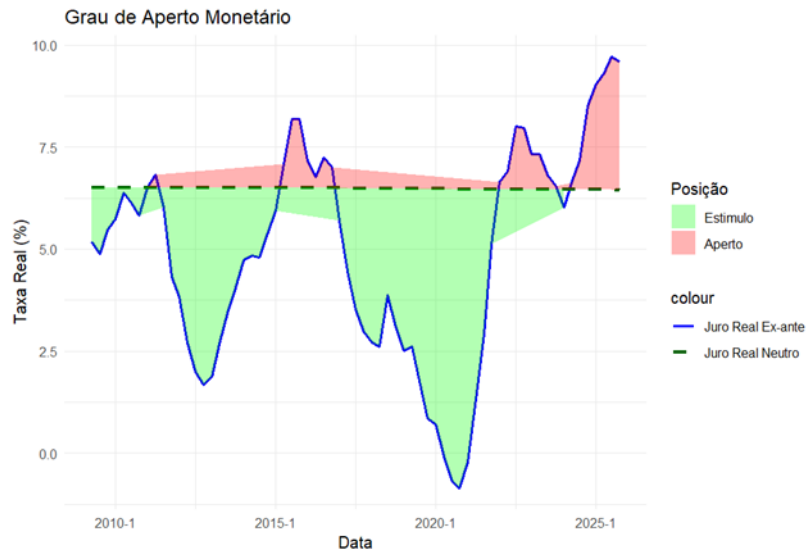
Política monetária: espaço para cortar, mas com mais cautela

Mesmo em meio ao conflito, o Banco Central do Brasil iniciou o ciclo de cortes em março, apoiado por três fatores principais: o nível ainda bastante restritivo da taxa Selic após o aperto monetário dos últimos anos, os sinais de moderação gradual da atividade econômica e o avanço — ainda que heterogêneo — do processo de desinflação.

A política monetária permaneceu por um período prolongado em território significativamente contracionista, como ilustrado na imagem abaixo, contribuindo para o fechamento do hiato do produto e para a desaceleração da demanda. Esse ambiente foi fundamental para a redução das pressões inflacionárias e para a melhora na ancoragem das expectativas.

Esse grau de restrição, aliado ao ganho de credibilidade da autoridade monetária ao longo do ciclo de aperto, criou uma margem de segurança relevante para o início do processo de flexibilização.

Grau de Aperto Monetário (% a.a.)



Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

No entanto, assim como observado em diversos bancos centrais, o conflito adicionou um elemento extra de incerteza que exige cautela — ponto ressaltado pelo Copom tanto no Comunicado quanto na Ata. Diante dessa margem construída ao longo do ciclo anterior, nosso cenário-base contempla um corte de 0,25 p.p. na próxima reunião, em abril. A expectativa é de que o processo de flexibilização ocorra de forma gradual e dependente dos dados.

Superado o choque de curto prazo, seguimos avaliando que há espaço para uma intensificação gradual do ciclo ao longo deste ano, com taxa Selic terminal em 12,5% a.a. ao final de 2026 e em 10,75% a.a. ao fim de 2027. Abaixo, apresentamos os cenários projetados para a taxa de juros.

Cenários para Taxa Selic (% a.a.)

Copom	Cenário Otimista	Cenário Base	Cenário Pessimista
Probabilidade	15%	50%	35%
jan/26	15,00%	15,00%	15,00%
mar/26	14,75%	14,75%	14,75%
abr/26	14,25%	14,50%	14,75%
jun/26	13,75%	14,00%	14,50%
ago/26	13,25%	13,50%	14,25%
set/26	12,75%	13,00%	14,00%
nov/26	12,25%	12,50%	13,50%
dez/26	12,00%	12,50%	13,00%
dez/27	10,25%	10,75%	11,25%

Fonte: Banco Central / Elaboração: Suno Asset

Além dos riscos inflacionários provenientes do Oriente Médio, outros fatores seguem relevantes e justificam a manutenção da taxa de juros em patamar contracionista. A inflação permanece acima da meta, com serviços ainda pressionados, enquanto o mercado de trabalho resiliente sustenta a dinâmica da renda. Ademais, as expectativas continuam desancoradas, exigindo uma condução firme da política monetária.

Em síntese, o Banco Central não está apenas calibrando o ritmo de cortes, mas administrando um equilíbrio delicado entre evitar uma desaceleração excessiva da economia e impedir que choques inicialmente temporários se tornem mais persistentes, dificultando ainda mais a convergência da inflação à meta.

Conclusão

Março reforça que, em mercados, o desafio raramente está no choque em si, mas na leitura correta de sua persistência. Em um ambiente em que a linha entre o temporário e o estrutural se torna difusa, disciplina e interpretação tornam-se tão importantes quanto o próprio cenário macroeconômico.

O cenário que antes apontava para uma transição ordenada para juros mais baixos passou a incorporar um grau adicional de incerteza, especialmente via energia e inflação. Mais do que isso, o episódio reforça a dificuldade de distinguir entre riscos temporários e persistentes. Ainda que o conflito possa ter uma resolução relativamente rápida, seus efeitos tendem a se prolongar. Em um ambiente como esse, a capacidade de interpretar corretamente os sinais — e não apenas reagir ao ruído — segue sendo o principal diferencial na tomada de decisão.

Uma boa notícia é que, mesmo diante desse aumento de volatilidade, alguns vetores seguem construtivos para os ativos domésticos.

O fluxo estrangeiro para o Brasil permanece robusto, R\$ 53 bilhões entre janeiro e março de 2026, quase o dobro de 2025. À frente, a continuidade do ciclo de cortes de juros, uma eventual descompressão do conflito e a evolução do cenário eleitoral serão determinantes para a trajetória da bolsa. Embora retornos passados não garantam resultados futuros, a queda da Selic tende a atuar como um importante vetor de destravamento, ao melhorar as condições financeiras e favorecer a precificação de ativos de risco.

Segue abaixo a tabela das nossas estimativas. Caso necessário, faremos novas revisões das nossas projeções.

Projeções Suno Asset

Brasil - Variáveis Econômicas	2024	2025	2026	2027
PIB (var % a.a. real em volume)	3,4%	2,3%	1,8%	1,4%
PIB Nominal (R\$ Tri)	R\$ 11,779	R\$ 12,739	R\$ 13,610	R\$ 14,460
Taxa de Desemprego (% , fim de período)	6,2%	5,1%	6,0%	6,7%
IPCA (% , a/a, fim de período)	4,8%	4,26%	4,3%	3,9%
IPCA - Administrados (% , a/a, fim de período)	4,7%	5,3%	4,1%	3,9%
IPCA - Livres (% , a/a, fim de período)	4,9%	3,9%	4,4%	3,8%
Taxa Selic (% a.a., fim de período)	12,25%	15,00%	12,50%	10,75%
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	6,19	5,50	5,65	5,65
Balança comercial (US\$ bilhões)	74,2	68,1	78,0	82,3
Resultado Primário do Governo Central (% PIB) - meta	-0,09%	-0,1%	-0,1%	0,3%
Resultado Primário do Governo Central (% PIB)	-0,4%	-0,5%	-0,6%	-0,3%
Dívida Bruta - DBGG (% PIB)	76,3%	78,7%	83,3%	86,7%
Dívida Líquida do Setor Público - DLSP (% PIB)	61,3%	65,3%	68,9%	71,8%

Fonte: Banco Central, ComexStat e IBGE/ Elaboração: Suno Asset

Gustavo Sung | **Economista-Chefe**

CARTA DO GESTOR

Prezado investidor,

Na carta de gestão deste mês, abordaremos a importância da segunda safra (“safrinha”) para o agronegócio brasileiro, bem como a performance operacional das nossas fazendas.

1. A Safrinha e sua Importância

A evolução da agricultura brasileira está diretamente ligada à consolidação da chamada “safrinha”. Embora o termo ainda seja amplamente utilizado, ele já não representa com precisão a importância econômica dessa etapa produtiva. Hoje, a segunda safra de grãos, liderada pelo milho e, em menor medida, pelo algodão, ocupa um papel central na geração de valor do agronegócio brasileiro e na sua relevância no cenário global.

O que antes era percebido como um cultivo complementar, associado a maior risco climático e menor intensidade tecnológica, transformou-se em um sistema altamente profissionalizado, intensivo em capital e determinante para a geração de caixa do produtor. Atualmente, a safrinha não apenas complementa, mas frequentemente supera a safra de verão em termos de volume e relevância econômica, sendo um dos principais vetores de rentabilidade e previsibilidade financeira no campo.

A importância estratégica da safrinha para o fluxo de caixa do produtor é evidente. Ao permitir a utilização do mesmo ativo, terra, maquinário e infraestrutura, em dois ciclos produtivos dentro do mesmo ano-safra, o modelo promove significativa diluição de custos fixos e aumento da eficiência operacional. Esse ganho de produtividade do capital investido é um dos pilares que sustentam a competitividade do Brasil no cenário agrícola global.

De acordo com estimativas recentes da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) para a safra 2025/2026, a segunda safra de milho deverá responder por aproximadamente 75% a 80% da produção total desse cereal no país. Esse protagonismo reflete não apenas a expansão da área plantada, mas também a evolução consistente dos níveis de produtividade. Mesmo diante de oscilações climáticas ao longo do ciclo, a resiliência do plantio da safrinha tem sido sustentada por fundamentos sólidos, incluindo demanda global aquecida, especialmente para os setores de proteína animal e etanol de milho.

No cenário internacional, o Brasil se posiciona consistentemente entre os maiores exportadores globais de milho, frequentemente ocupando a liderança em determinados ciclos. Esse

desempenho está diretamente atrelado ao sucesso da segunda safra, cuja produção concentra a maior parte do excedente exportável do país.

Quando analisamos comparativamente outros grandes produtores, como Estados Unidos e Argentina, a vantagem competitiva brasileira torna-se ainda mais evidente. O cinturão agrícola norte-americano, por exemplo, enfrenta limitações impostas pelo inverno rigoroso, que restringe o cultivo a uma única safra anual. Já na Argentina, fatores como maior volatilidade climática e aspectos regulatórios.

podem limitar a adoção de uma segunda safra com o mesmo nível de intensidade tecnológica observado no Brasil.

Nesse contexto, a capacidade brasileira de implementar sistemas de sucessão de culturas, como soja-milho ou soja-algodão, configura-se como um diferencial estratégico. Além de maximizar a receita por hectare, esse modelo contribui para a melhoria das condições agrônômicas do solo, promovendo maior cobertura vegetal, melhor estrutura física e maior eficiência no uso de nutrientes ao longo do tempo.

O avanço tecnológico foi determinante para viabilizar essa transformação. O desenvolvimento de sementes de ciclo precoce e superprecoce permitiu o encaixe mais eficiente das janelas de plantio, reduzindo a exposição a riscos climáticos, especialmente relacionados ao estresse hídrico no final do ciclo. Paralelamente, a adoção de práticas como o plantio direto e o uso de agricultura de precisão elevou o nível de controle sobre variáveis críticas da produção, como fertilidade do solo e manejo fitossanitário.

Adicionalmente, a evolução do parque de máquinas agrícolas, com crescente incorporação de tecnologias de automação, possibilitou ganhos expressivos de eficiência operacional. A redução do intervalo entre colheita e plantio é hoje um fator crítico de sucesso, permitindo que o produtor maximize o potencial produtivo dentro de uma janela climática cada vez mais desafiadora.

Em síntese, a segunda safra consolidou-se como um dos principais determinantes da geração de valor no agronegócio brasileiro. Embora ainda sujeita a riscos relevantes, sobretudo climáticos, sua integração ao sistema produtivo representa um avanço estrutural que fortalece a resiliência do setor. Para o investidor, a diversificação de culturas dentro da mesma área física atua como um mecanismo de mitigação parcial de riscos, reduzindo a dependência de uma única fonte de receita e aumentando a previsibilidade dos fluxos financeiros.

Dessa forma, seguimos confiantes no setor, sustentados pela elevada capacidade técnica do produtor brasileiro e pela contínua evolução dos ganhos de produtividade. A intensificação do uso da terra, combinada à crescente adoção de tecnologias, tende a seguir como um dos principais vetores

de geração de valor no longo prazo. Nesse contexto, a segunda safra se consolida não apenas como componente relevante, mas como elemento central na dinâmica produtiva e econômica do agronegócio nacional.

2. Mercado de Soja: Chicago vs. Disponível no Brasil

Na sequência, apresentamos registros recentes das nossas fazendas ao longo do desenvolvimento da safrinha. As imagens a seguir traduzem, de forma objetiva, a execução operacional e a qualidade do manejo adotado, refletindo na prática os fundamentos discutidos anteriormente



Fonte: Fazendas Coliseu, Triângulo e Xavante

3. Performance Operacional e Produtividade do Portfólio

No mês anterior, apresentamos um laudo preliminar de produtividade da Fazenda Xavante, tendo em vista que a colheita ainda não havia sido integralmente concluída, o que impedia a apuração dos resultados finais.

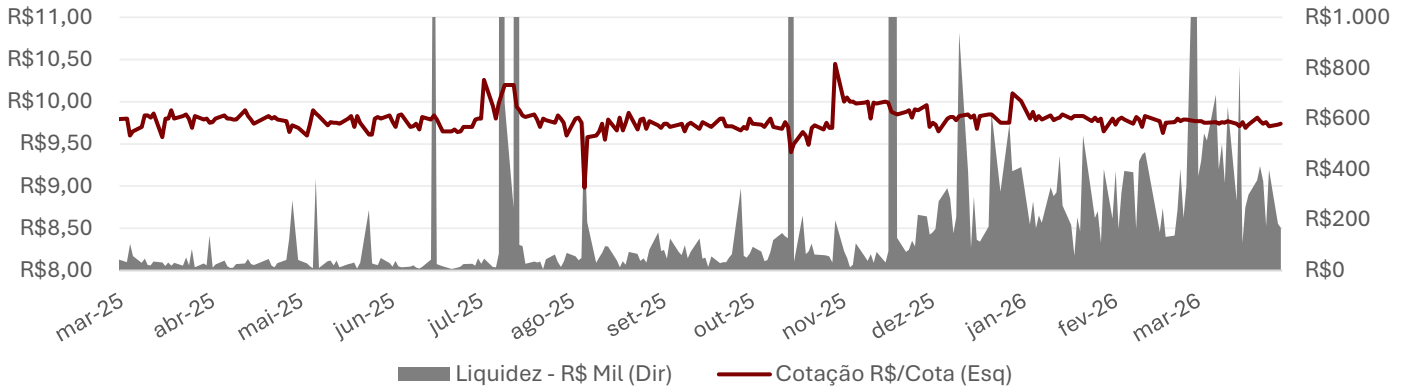
Com o encerramento da colheita, passamos a contar com os dados consolidados de produtividade, que se mostraram positivos em todas as áreas: Coliseu com 60,44 sacas por hectare, Triângulo com 60,19 sacas por hectare e Xavante com 63,18 sacas por hectare.

Diante desse desempenho, e conforme previsto nos contratos de arrendamento, o fundo fará jus ao recebimento de um valor adicional de arrendamento, refletindo a boa performance produtiva das fazendas no período.

Equipe de Gestão, **SUNO ASSET.**

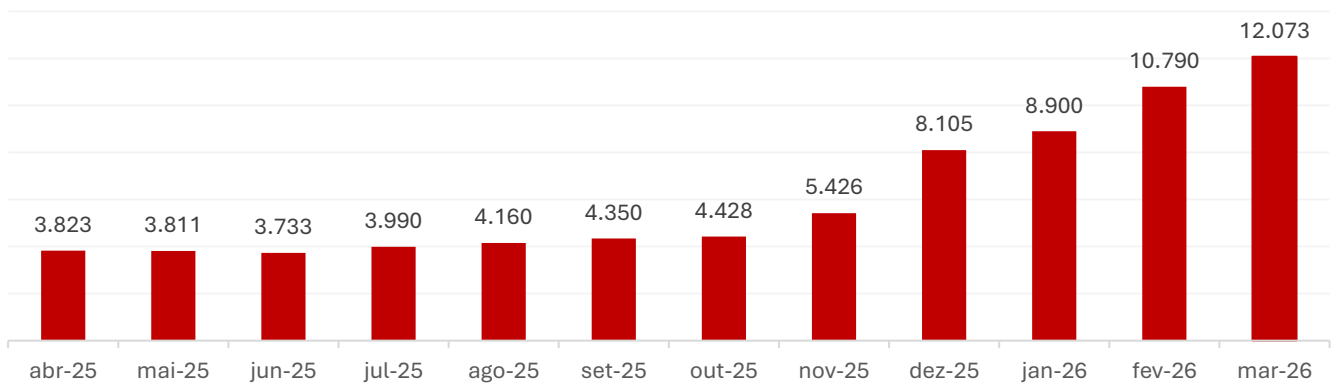
PERFORMANCE/DESEMPENHO

Cotação e Liquidez



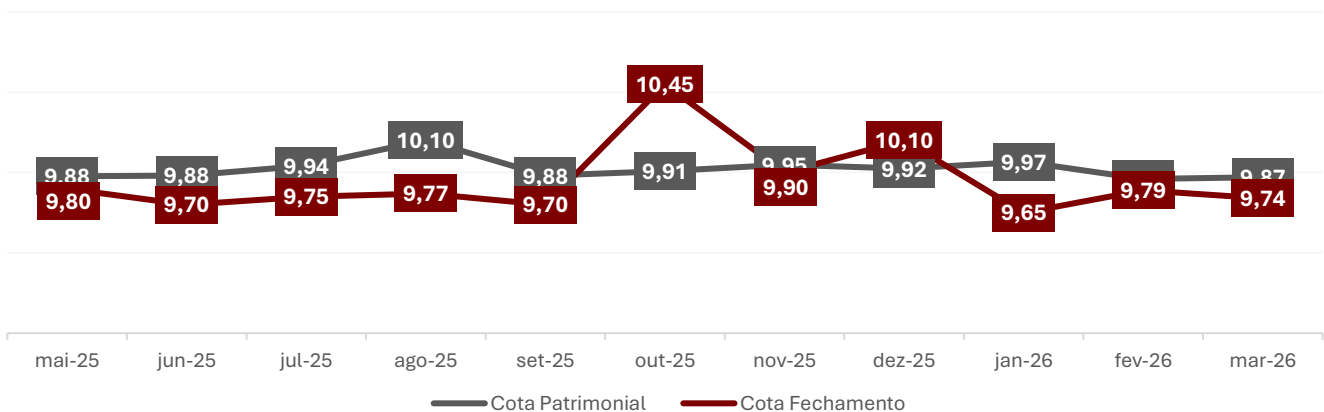
Fonte: Quantum | Elaboração: Suno Asset.

Número de Cotistas



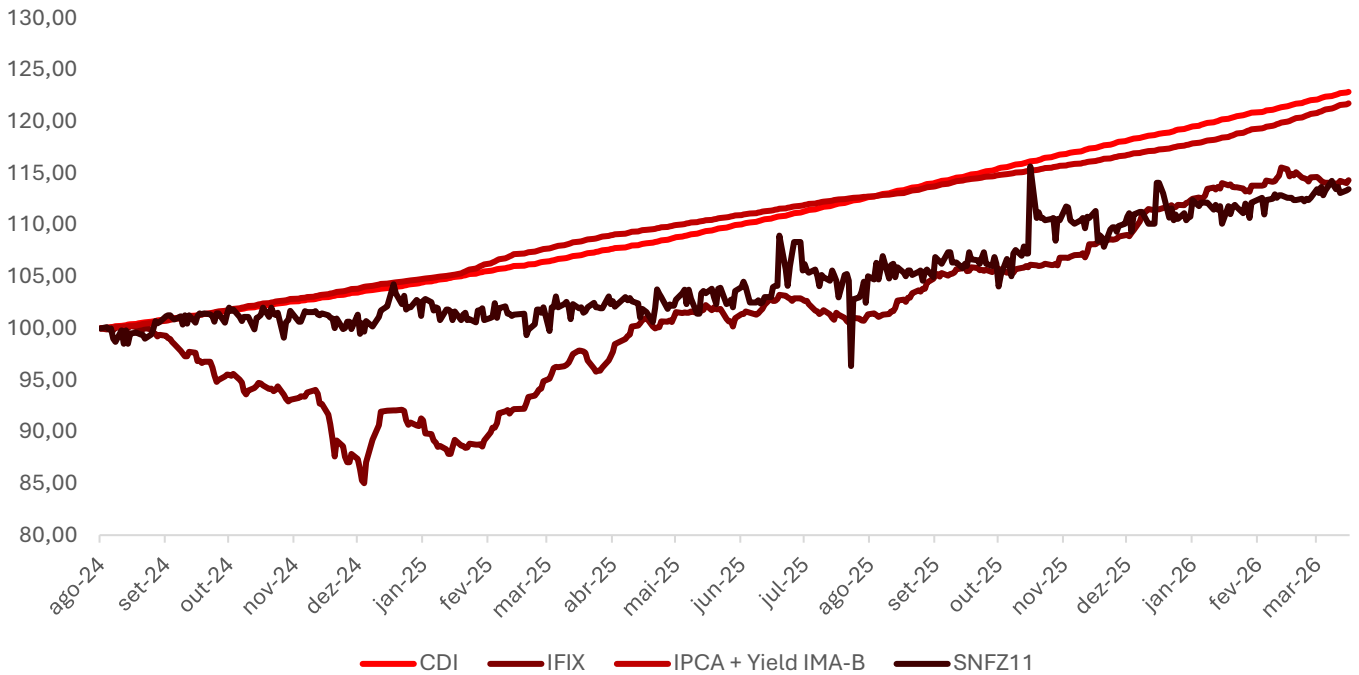
Elaboração: Suno Asset

Cota Patrimonial x Cota Mercado (em R\$)



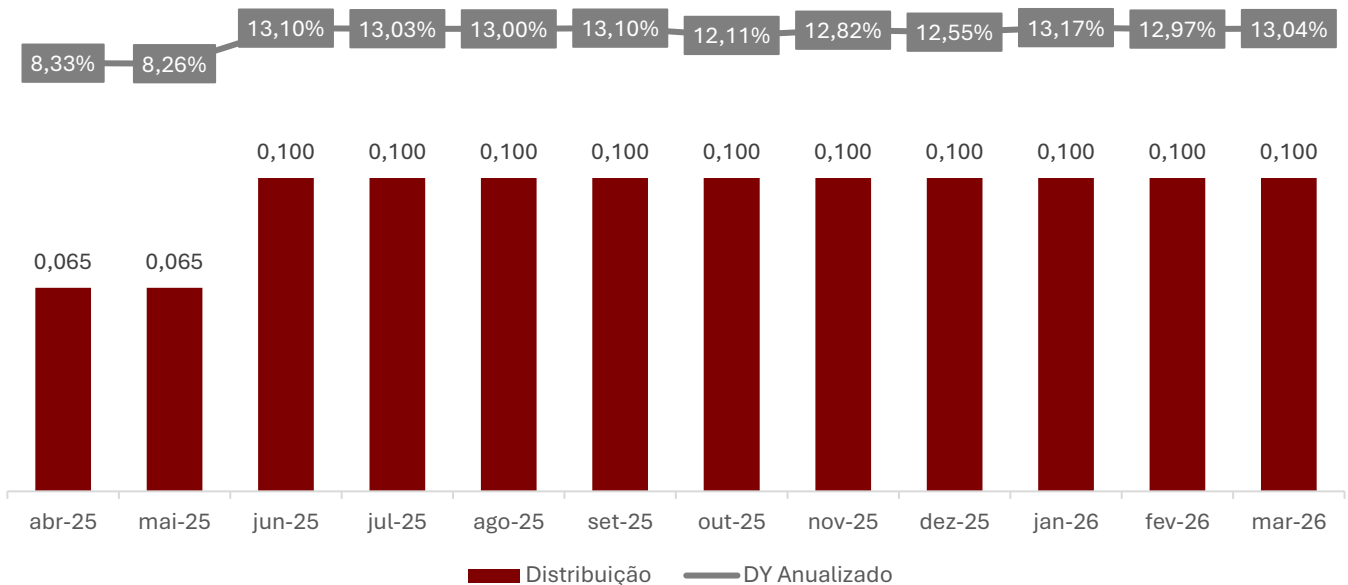
Elaboração: Suno Asset.

Performance SNFZ11 x Indexadores



Elaboração: Suno Asset

Distribuição e DY Anualizado (%)



Elaboração: Suno Asset

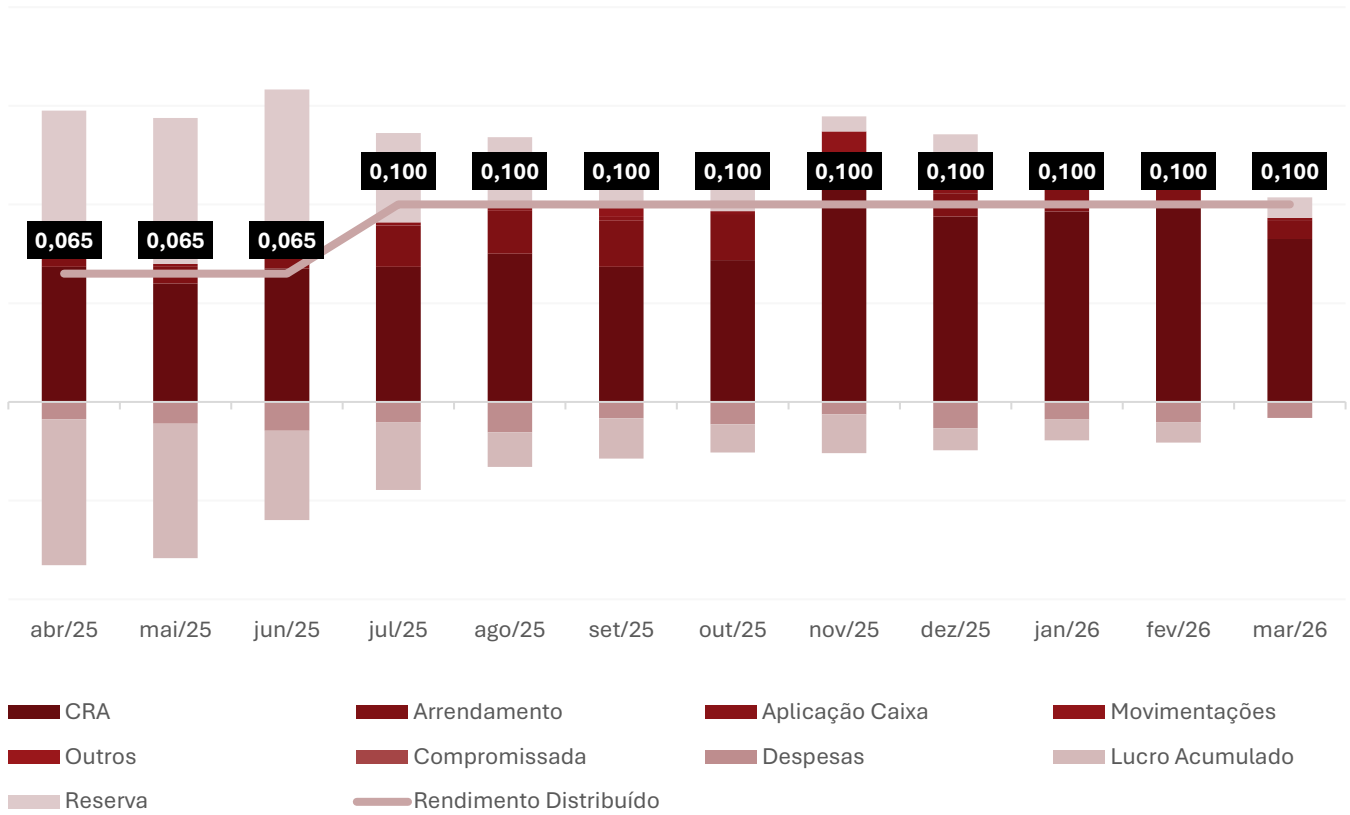
RESULTADO

MÊS	jan/26	fev/26	mar/26	LTM	2026
1. Receita distribuível	R\$ 1.313.982,32	R\$ 1.330.115,68	R\$ 1.127.679,58	R\$ 10.488.344,61	R\$ 3.771.777,58
1.a. Juros + Correção Monetária (CRA)	R\$ 1.166.357,40	R\$ 1.201.929,30	R\$ 998.700,24	R\$ 8.676.166,03	R\$ 3.366.986,94
1.b. Arrendamento	R\$ 133.890,32	R\$ 117.766,30	R\$ 115.867,67	R\$ 1.463.712,79	R\$ 367.524,29
1.c. Aplicação caixa	R\$ 13.734,60	R\$ 10.420,08	R\$ 13.111,67	R\$ 127.892,86	R\$ 37.266,35
1.d. Movimentação de ativos	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 220.572,93	R\$ 0,00
1.e. Resultado Outros Ativos	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
1.f. Operações Compromissada	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
1.g. Outras Receitas Operacionais	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
2. Despesas	-R\$ 106.999,73	-R\$ 123.576,42	-R\$ 98.100,56	-R\$ 1.046.839,97	-R\$ 328.676,71
2.a. Despesas do Fundo	-R\$ 106.358,04	-R\$ 123.576,42	-R\$ 98.100,56	-R\$ 902.984,33	-R\$ 328.035,02
2.b. Despesas não recorrentes	-R\$ 641,69	R\$ 0,00	R\$ 0,00	-R\$ 143.855,64	-R\$ 641,69
3. Reserva de lucros	R\$ 129.420,57	R\$ 127.413,16	R\$ 124.962,42	N/A	N/A
5. (=) RENDIMENTO DISTRIBUÍDO	R\$ 1.208.990,00	R\$ 1.208.990,00	R\$ 1.208.990,00	R\$ 9.016.624,00	R\$ 2.417.980,00
5.a. Pró-Rata – SNFZ11	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 22.388,79	R\$ 0,00
5.b. Distribuição – SNFZ11 (R\$/Cota)	R\$ 0,100	R\$ 0,100	R\$ 0,100	R\$ 1,13	R\$ 0,30
5.c. Rendimento/Cota (R\$/cota) - SNFZ11	R\$ 0,100	R\$ 0,100	R\$ 0,100	R\$ 1,09	R\$ 0,30

****Considera-se como resultado final a soma das linhas (1) “Receitas”, (2) “Despesas” e (3) “Reserva de Lucros”.**

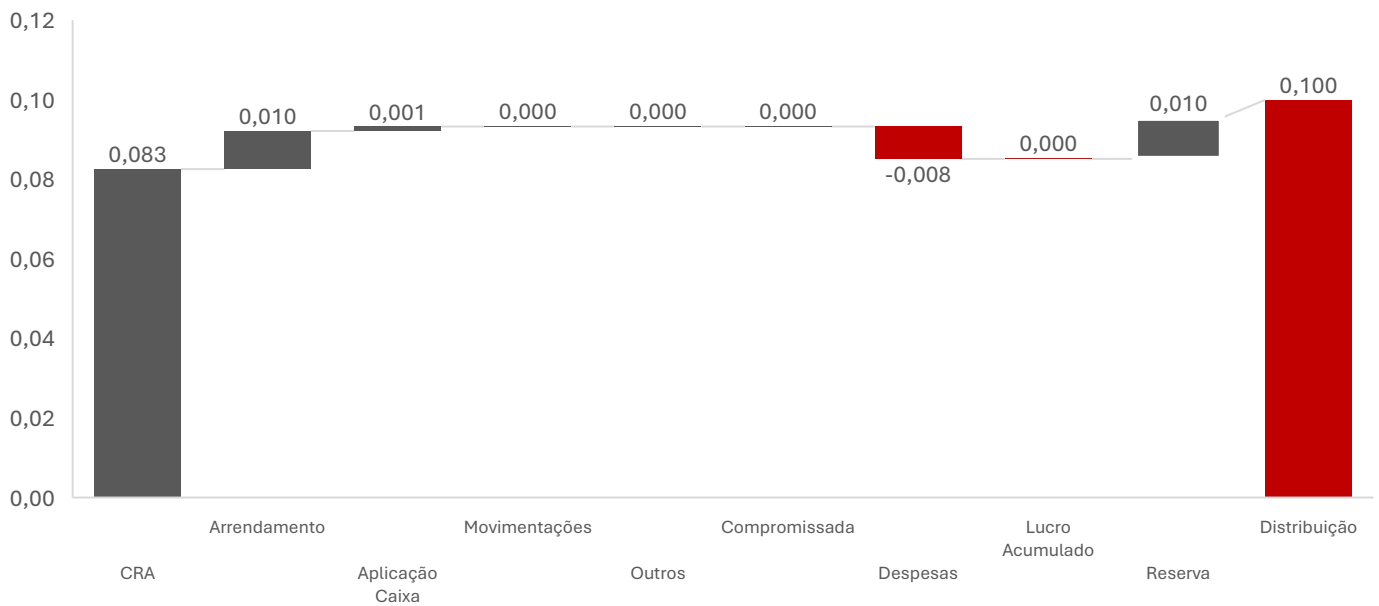
Fonte: QI Tech | Elaboração: Suno Asset.

Resultado SNFZ11



Elaboração: Suno Asset.

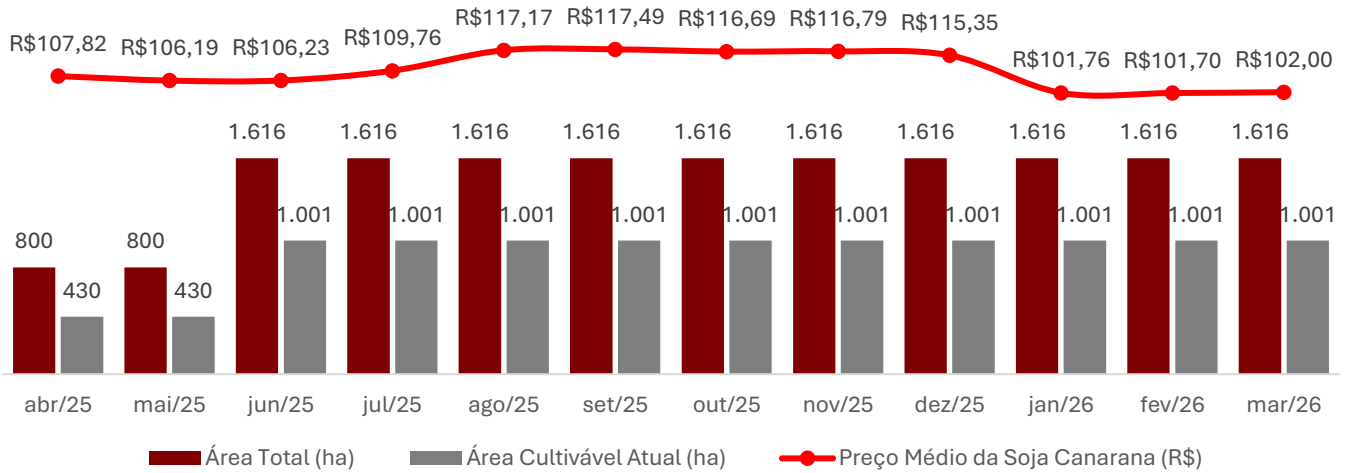
Resultado Mensal Detalhado (R\$/cota)



Elaboração: Suno Asset.

DADOS SETORIAIS E DE PRODUÇÃO – FAZENDA COLISEU

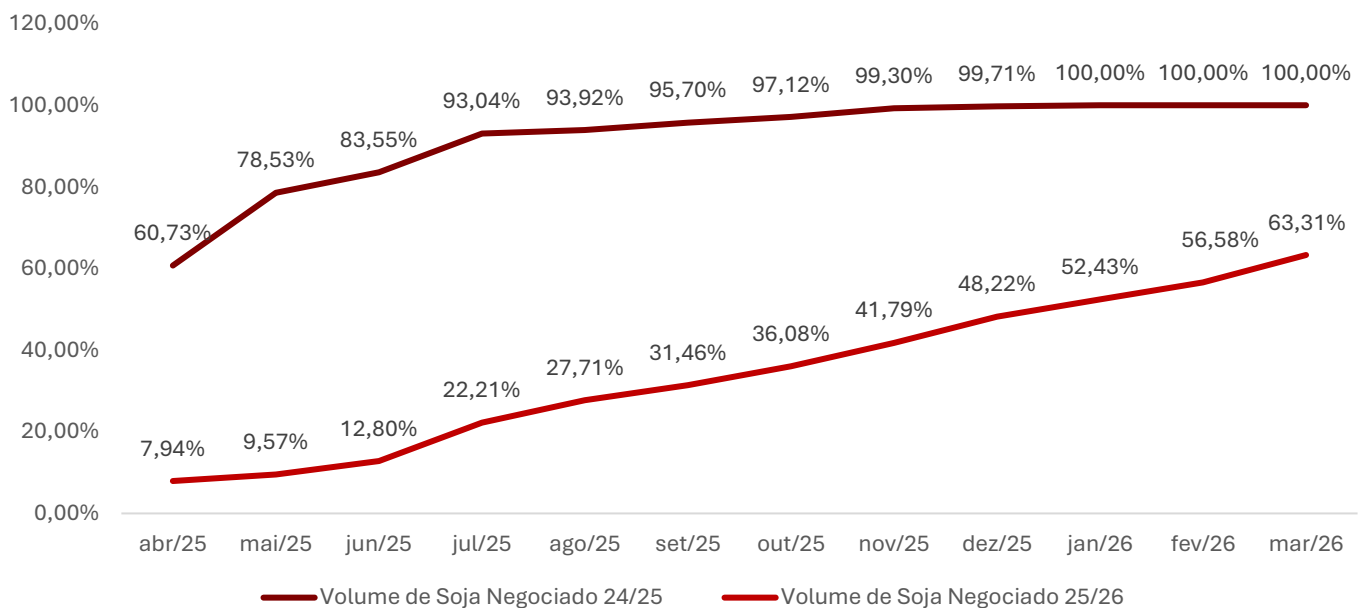
Preço da Soja - Canarana e Área Total SNFZ11



Fonte: IMEA | Elaboração: Suno Asset.

*O preço da Soja leva em consideração o praticado no município de Canarana, vizinho a Gaúcha do Norte, por falta de dados a respeito do preço praticado em Gaúcha do Norte. Os dados de comercialização são referentes à macrorregião Nordeste do MT.

Comercialização de Soja na Região



ALOCAÇÕES E MOVIMENTAÇÕES

R\$ 119,37 MM

Patrimônio Líquido do Fundo

6

Número de ativos na carteira

R\$ 90,12 MM (75,5% do PL)

Posição Financeira em imóveis

CDI + 3,46% | 6,14 | R\$ 81,23 MM

Yield Médio CRAs | Duration | Posição Financeira

R\$ 0,95 MM (0,79% do PL)

Caixa no Fechamento

R\$ 51.66 MM

Valor total das parcelas a pagar dos imóveis

ALOCAÇÃO EM IMÓVEIS

Fazenda	Cidade	Tipo De Contrato	Arrendatária	Hectare Útil	Arrendamento	Preço Mín.	Data de Vcto.	Vol SNFZ	% PL	Pgto. Arrendamento
COLISEU	Gaúcha do Norte - MT	Buy to Lease	Jequitibá Agro	449 ha	25% da produção da Soja/ha	15 sc/ha	05/2039	R\$ 32,65	27,39%	Mensal
TRIÂNGULO DA GAÚCHA	Gaúcha do Norte - MT	Buy to Lease	Jequitibá Agro	201 ha	25% da produção da Soja/ha	15 sc/ha	06/2040	R\$ 20,27	17,00%	Mensal
XAVANTE	Gaúcha do Norte - MT	Buy to Lease	Jequitibá Agro	370 ha	25% da produção da Soja/ha	15 sc/ha	06/2040	R\$ 37,20	31,20%	Mensal

ALOCAÇÃO EM CRAs

Id	Série	Código CETIP	Devedor	Rating	Index	Yield	Duration	Vol SNFZ	% PL	LTV	Rendimentos
CRA JEQUITIBÁ	Sênior	CRA024005V7	Jequitibá Agro	A2	CDI	3,00%	7,02	R\$ 22,57	18,93%	69%	Mensal
CRA JEQUITIBÁ	Subordinada	CRA024005V8	Jequitibá Agro	A3	CDI	8,00%	5,44	R\$ 6,03	5,06%	69%	Mensal
CRA PULV JEQUITIBÁ	Única	CRA025008YL	Pulverizado	A2	CDI	3,15	5,83	R\$ 52,63	44,15%	-	Mensal

Elaboração: Suno Asset.

Exposição por Tipo de Ativo



Elaboração: Suno Asset

DETALHAMENTO DOS ATIVOS

CRA JEQUITIBÁ



Tickers: CRA024005V7 | CRA024005V8

Volume SNFZ: R\$ 22,75 MM (Série Sr.) | R\$ 5,69 MM (Série Sub.)

Remuneração Global: CDI + 4% (CDI + 3% Série Sr | CDI + 8% Série Sub)

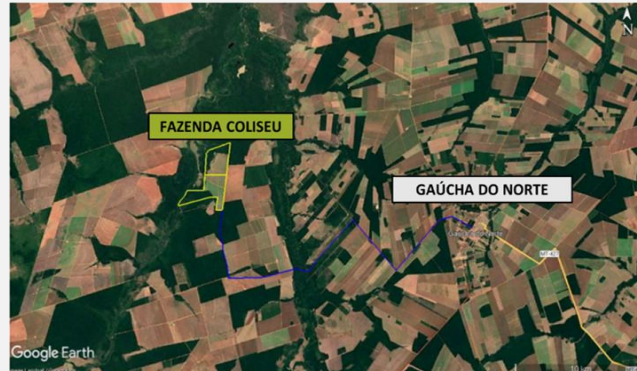
LTV: 80%

Garantias: AF de FIAGROs *high-grade*

Vencimento: Maio/39

Descrição da Operação

Os recursos desse CRA foram destinados para o devedor, enquanto produtor rural, principalmente para o investimento em um novo sistema de irrigação que será implantado na Fazenda Coliseu, possibilitando a implantação de 449 ha de efetivo plantio, sob responsabilidade da Jequitibá Agro. O CRA conta com a garantia de AF de Cotas de FIAGROs *high-grade* com valor de 148% do SD.



Localização:
Mato Grosso

Fonte: Valora Engenharia, Virgo | Elaboração: Suno Asset

FAZENDA COLISEU

FAZENDA COLISEU

Nome: Fazenda Coliseu

Valor Total de Liquidação: R\$ 32,14 MM

Perfil Contrato: *Buy to Lease*

Arrendamento: 25% da Produção de Soja sc/ha, c/ mínimo de 15 sc/ha

Pagamento: Mensal

Descrição do Ativo

O fundo é detentor da Fazenda Coliseu, localizada no município de Gaúcha do Norte, estado de Mato Grosso. Trata-se de uma propriedade com mais de 800 hectares, dos quais 448,96 hectares são destinados a culturas anuais, com isso, 67,63% são utilizados para lavouras, enquanto o restante possui vegetação nativa.



Localização:
Mato Grosso

FAZENDA TRIÂNGULO DA GAÚCHA

FAZENDA TRIÂNGULO

Nome: Fazenda Triângulo da Gaúcha

Valor Total (Sacas): 191.700,5 |
R\$ 20,27 MM (10 parcelas anuais)

Perfil Contrato: *Buy to Lease*

Arrendamento: 25% da Produção de Soja sc/ha, c/ mínimo de 15 sc/ha

Pagamento: Mensal

Descrição do Ativo

O fundo é detentor da Fazenda Triângulo da Gaúcha, localizada no município de Gaúcha do Norte, estado de Mato Grosso. Trata-se de uma propriedade com 375,13 hectares, dos quais 201 hectares são destinados a culturas anuais.



Localização:
Mato Grosso

FAZENDA XAVANTE

FAZENDA XAVANTE

Nome: Fazenda Xavante

Valor Total (Sacas): 351.832,5 |
R\$ 37.198 MM (10 parcelas anuais)

Perfil Contrato: *Buy to Lease*

Arrendamento: 25% da Produção de Soja sc/ha, c/ mínimo de 15 sc/ha

Pagamento: Mensal

Descrição do Ativo

O fundo é detentor da Fazenda Xavante, localizada no município de Gaúcha do Norte, estado de Mato Grosso. Trata-se de uma propriedade com 471,28 hectares, dos quais 370,35 hectares são destinados a culturas anuais.



Localização:
Mato Grosso

CONHEÇA TODOS OS NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO



Primeiro Fiagro-Híbrido da bolsa brasileira, lançado ao mercado em agosto de 2022. Investe em terras logísticas voltadas ao agronegócio e ativos de crédito para o setor.



SUNO ENERGIAS LIMPAS FII é o Fundo Imobiliário da Suno Asset que investe em Energias Limpas e Renováveis, sendo uma maneira inovadora e democrática para o investidor comum ter acesso a uma tese que, além de extremamente lucrativa, gera impacto positivo para a sociedade.



Fiagro-FII voltado para investimentos em terras agrícolas da Suno Asset. O primeiro fundo base 10 e voltado para investidor geral com uma das teses de investimento mais vencedoras do país, oferecendo acessibilidade a um setor resiliente, dolarizado e descorrelacionado com os diversos índices.



FI-Infra da Suno Asset. Devido à sua importância para o desenvolvimento do país, esta classe possui isenção completa de IR nos rendimentos e no ganho de capital.



Fundo de Papel de risco moderado. Sua principal característica é entregar retornos consistentes aos cotistas, com rendimentos comparados a fundos de alto risco.



Fundo imobiliário multiestatégia da Suno Asset, com foco no investimento em diversos tipos de ativos imobiliários, como CRIs, FIIs, ações e imóveis. A partir de uma tese sofisticada, buscamos entregar geração de renda mensal e rentabilidade acima da inflação.



Fundo de Fundos que investe em mais de 30 outros FIIs da bolsa e em centenas de ativos imobiliários por todo o país. Uma maneira descomplicada de aplicar no setor.



Fundo de Previdência Privada que investe em ações, com exposição muito similar ao SUNO FIC FIA. Conta com os benefícios tributários de uma Previdência, investindo em ativos de risco.



Fundo de Investimento em Ações que utiliza como referência as carteiras recomendadas da Suno Research. Exposição em ativos de Valor, Dividendos, Small Caps e Internacional.



Fundo de Investimento em Ações, com exposição em ações globais listadas no Brasil ou nos Estados Unidos. Investe nas maiores empresas do mundo.



Aviso/Disclaimer:

“Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar seus recursos. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos de investimento atuam e, conseqüentemente, possíveis variações no patrimônio investido. O Administrador não se responsabiliza por erros ou omissões neste material, bem como pelo uso das informações nele contidas. Adicionalmente, o Administrador não se responsabiliza por decisões dos investidores acerca do tema contido neste material nem por ato ou fato de profissionais e especialistas por ele consultados.”

Este material não tem relação com objetivos específicos de investimentos, situação financeira ou necessidade particular de qualquer destinatário específico, não devendo servir como única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de decidir, deverá realizar, preferencialmente com a ajuda de um profissional devidamente qualificado, uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos face a seus objetivos pessoais e a sua tolerância ao risco (Suitability).

A Suno Gestora de Recursos Ltda. (“Suno Asset”) é gestora do(s) fundo(s) objeto(s) deste material e pertence ao grupo empresarial Suno (“Grupo Suno”), o qual contempla também as empresas Suno Research, Suno Índices e Suno Consultoria. As empresas, ainda que parte do Grupo Suno, possuem estruturas segregadas e autônomas.”